

5:50

A oficial de Justiça Marina Machado entrega ao gerente do Hotel Nacional de Brasília a decisão judicial que determinou a reintegração de posse do Condomínio Nacional Horsa, onde se encontra o hotel.

6:00

As portas giratórias do hotel são trancadas. Seguranças se posicionam ao lado de uma porta de vidro para controlar a entrada e saída do prédio. Avisos impressos sobre a necessidade de os hóspedes deixarem o edifício são entregues nos quartos.

7:30

Hóspedes começam a lotar o lobby do Hotel Nacional para fazer o check-out. Muitos reclamam da falta de café da manhã e do tratamento que receberam. Começa a se organizar o realocamento dos hóspedes que não iam deixar a cidade ontem.

7:56

Uma garçonete passa mal com a possibilidade de perder o emprego e tem de ser atendida pelo Corpo de Bombeiros. Os funcionários, reunidos na parte de trás do prédio, recebem orientação de aguardar em casa novas notícias do fechamento do hotel.

11:25

Uma ordem do desembargador João Mariosi suspende o efeito de reintegração de posse. As portas giratórias são destrancadas e o público volta a circular livremente pelo edifício.

BARRACO NO HOTEL NACIONAL

PABLO REBELLO E VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Uma briga judicial pela posse do Hotel Nacional de Brasília resultou no despejo de 310 hóspedes na manhã de ontem. Empresários, políticos, militares, artistas e famílias receberam bilhetes por debaixo das portas dos quartos às 6h com a informação de que deviam deixar o prédio o quanto antes. Funcionários que chegavam para trabalhar não tiveram acesso ao interior do edifício. Até as encomendas enviadas pelos correios para o endereço foram proibidas de entrar no estabelecimento.

O motivo de tanto transtorno foi uma decisão da 16ª Vara Cível do Distrito Federal de reintegração imediata de posse do Condomínio Nacional Horsa, onde se encontra o edifício, pela empresa Securinvest Holdings S/A, pertencente ao Banco Rural — que está sendo processado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por lavagem de dinheiro e gestão fraudulenta no caso do mensalão. A Securinvest alegou um calote de R\$ 46,5 milhões dado pelo empresário Wagner Canhedo, arrendatário do hotel. A dívida vem sendo acumulada desde 2004, quando o Nacional deixou de honrar um contrato de arrendamento (aluguel) do edifício. O hotel ficou fechado por cinco horas e meia.

As portas giratórias do edifício só voltaram a se abrir ao público no final da manhã. Canhedo conseguiu um agravo de instrumento do desembargador João Mariosi, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, suspendendo a reintegração de posse. Diante da nova decisão judicial, a oficial de Justiça Mariana Machado, que já se preparava para lacrar o estabelecimento, teve de autorizar a reabertura do hotel. Com isso, Canhedo voltou ao comando do Nacional, mesmo não honrando seus compromissos.

O conflito em torno da posse do Hotel Nacional, um dos símbolos da capital federal, se arrasta desde outubro de 2004, quando a Securinvest ajuizou uma ação contra a empresa que o administra, a Hotel Nacional S/A. Segundo a

empresa do Banco Rural, o contrato assumido com Wagner Canhedo estabeleceu um pagamento mensal de R\$ 1,2 milhão pelo imóvel, todos seus bens móveis, utensílios e equipamentos. O empresário parou de pagar as parcelas 38 meses atrás.

Por outro lado, a Hotel Nacional S/A alegou que a Securinvest não tem mais domínio sobre a propriedade, transferida por Canhedo ao Rural em 2003 como garantia de pagamento de dívidas de mais de R\$ 70 milhões contraídas pela Vasp, empresa aérea que foi à bancarota no início dos anos 2000. Para convencer o desembargador Mariosi a reverter a sentença proferida em favor da Securinvest, os advogados de Canhedo se valeiam de uma decisão anterior da Justiça, estabelecendo que os bens imóveis concedidos como pagamentos de débitos da Vasp deveriam ser restituídos ao proprietário de origem. Entre esses bens, estava o Hotel Nacional. Com base nesse argumento, Canhedo concluiu que não existia mais nenhuma dívida com o Rural e que a reintegração de posse havia sido pedida sem levar em conta tal decisão.

Tumulto e descaso

Sem conhecimento dos conflitos jurídicos, hóspedes e funcionários do hotel tiveram de lidar com as consequências da tentativa de reintegração de posse pela Securinvest. Uma garçonete barrada na entrada de serviço do hotel passou mal. Preocupada com o emprego, a mulher, que sofre de pressão alta, desmaiou e caiu no chão. Ela teve de ser socorrida pelo Corpo de Bombeiros enquanto outros funcionários, que também foram barrados, se reuniam na parte de trás do edifício. Eles não sabiam o que fazer e temiam por não receber nem os direitos trabalhistas.

O faxineiro Oriel Carneiro Fortela, 20 anos, era um dos vários funcionários que aguardavam ansiosos por uma posição mais clara da empresa a respeito do que deveriam fazer. “Só espero que, se o hotel mudar de dono, o novo proprietário contrate a gente de volta”, disse o rapaz, que mora em Planaltina (GO) e acorda todos os dias às 4h45 para

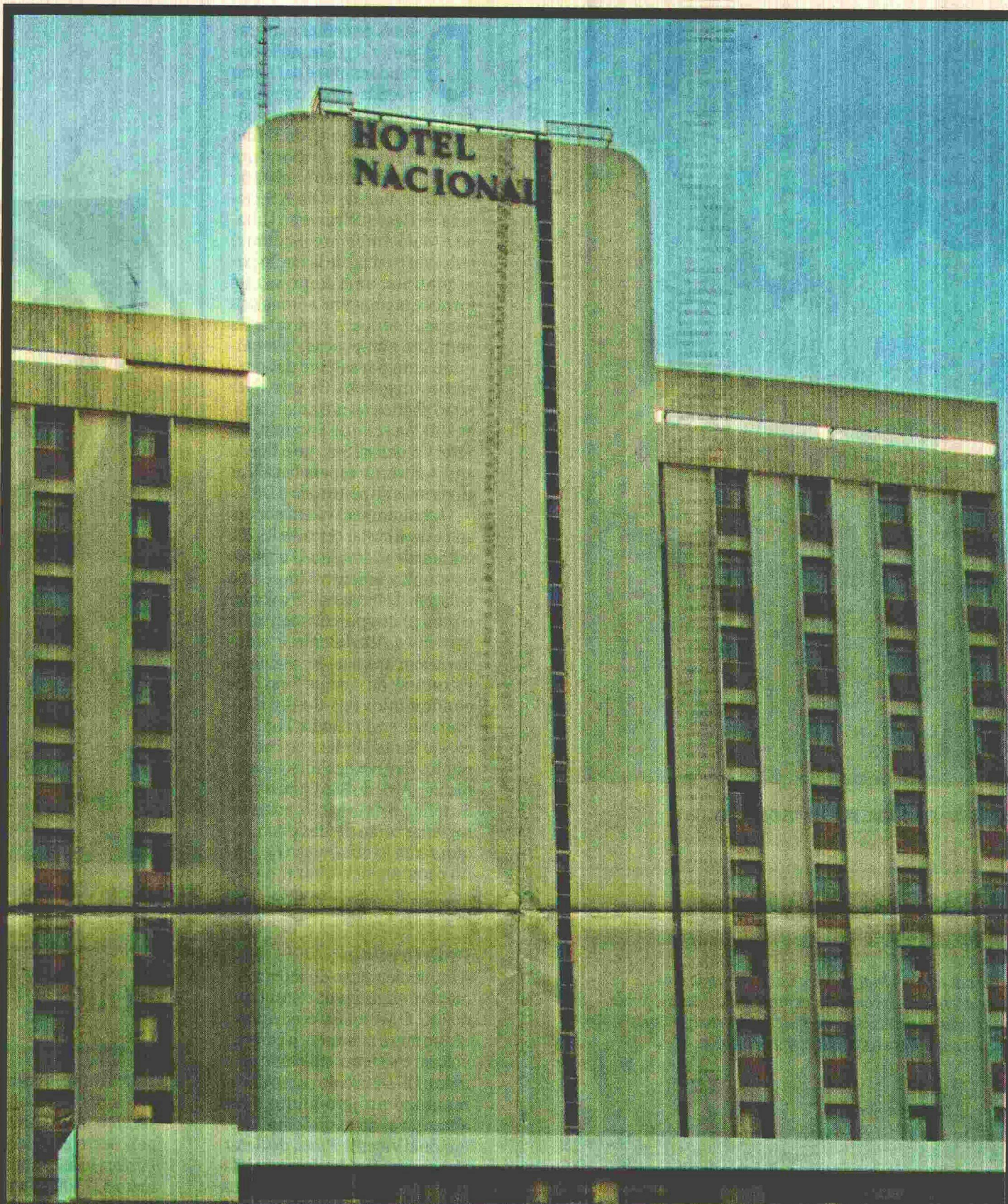
chegar ao trabalho às 6h30. Funcionário do Hotel Nacional há quase um ano, o faxineiro temia voltar para a fila do desemprego.

O drama dos funcionários se equiparava à irritação dos hóspedes com o despejo do hotel. O consultor financeiro Ricardo Gatís, 36, compreendeu a situação, mas afirmou que iria registrar queixa sobre o caso na 1ª DP (Asa Sul). “O hóspede tem de ser preservado desse tipo de problema. Deveriam nos avisar com antecedência para que pudessemos nos programar. Volto para o Recife só na terça-feira e fiquei sem ter para onde ir, sem falar que ainda tenho uma série de problemas de trabalho para resolver”, argumentou. “Fomos tratados como indigentes”, alfinetou.

Um grupo de 12 funcionários do governo chinês, que veio a Brasília a passeio, ficou confuso com o movimento e a necessidade de deixar o hotel. Como não compreendiam o português, eles ficaram sem saber o que se passava no edifício até a chegada da guia do grupo, Lia Shen, 45. “Muitos deles chegaram a pensar que havia uma bomba no prédio”, contou a guia. O grupo chegou de São Paulo anteontem. Os chineses ficaram incomodados com a mudança na programação.

Para o aposentado Sérgio Alexandre Barbosa de Araújo, 67, que havia hospedado no Nacional 16 convidados para o casamento de um de seus filhos, o conflito em torno do controle do hotel é um claro retrato do descaso da Justiça com o cumprimento de contratos. “Todos sabem que o senhor Canhedo não paga o que deve”, afirmou. Pesquisa realizada pelo economista Ivan César Ribeiro, da Universidade de São Paulo (USP), mostra que o Judiciário é muito complacente com os grandes devedores. Sobre o Distrito Federal. Depois do Rio Grande do Sul, é na capital do país onde as pessoas de renda elevada e de maior escolaridade mais usam os tribunais para não cumprir contratos financeiros e comerciais. Ou seja: no DF, os que têm mais conhecimento e dinheiro e sabem que o Judiciário é ineficiente tiram, muitas vezes, proveito da situação para não pagar o que devem ou para não entregar o serviço que prometem.

Foto: Ronaldo de Oliveira/CB



O HOTEL NACIONAL TINHA APENAS TRÊS DOS 10 ANDARES AO SER INAUGURADO EM 1960: ENTRE OS HÓSPEDES FAMOSOS, A RAINHA ELIZABETH, DA INGLATERRA

PREJUÍZOS À VISTA

A perspectiva de fechamento do Hotel Nacional deixou em pânico Ricardo Soares, 23 anos, funcionário da Enlace Turismo. A empresa, que funciona em frente à entrada principal do hotel, tem boa parte de seu faturamento vinculada às atividades do estabelecimento disputado pelo empresário Wagner Canhedo e o Banco Rural. “Se o hotel fechar, perderemos, no mínimo, 20% de nossas receitas”, afirmou. A Enlace é especializada em turismo receptivo e atende, principalmente, hóspedes do Nacional interessados em passear pelo Distrito Federal. Muitos deles participantes de congressos e conferências promovidos no hotel. “Nosso city tour é famoso”, disse Soares, ansioso com a possibilidade de um de seus mais importantes projetos deste mês, o TAM Show, marcado para o dia 12, ser cancelado. “O evento terá participação de 2 mil pessoas. E foi adiantado em um mês porque os organizadores queriam que fosse realizado no Nacional”, contou.

O hotel também movimentava dezenas de agências de viagens instaladas em um minishopping que funciona nas suas imediações. “Esse ponto se tornou referência para os interessados em fazer turismo”, afirmou Elaine Cristina Ferreira, 30, funcionária da A&T Turismo. “É lógico, porém, que o impacto de um possível fechamento do hotel varia de empresa para empresa. Aqueles que atendem mais diretamente os hóspedes do Nacional é que sofreriam mais”, assinalou.

Hotéis lotados

Na rede hoteleira de Brasília, também a preocupação é grande. “Não seria fácil acomodar, de uma hora para outra, todos os hóspedes do Nacional”, ressaltou Narley Ferreira Pinto, gerente-geral do St. Peter Hotel. O estabelecimento foi um dos escolhidos pela Securinvest, do Banco Rural, credora de Canhedo e responsável pelo despejo, para acomodar parte dos hóspedes do Nacional colocados na rua ontem pela manhã. “Acomodamos 50 pessoas em 47 quartos. Mas eles terão de deixar o nosso hotel já no domingo, porque estamos com lotação esgotada para a próxima semana”, disse. O St. Peter tem 350 apartamentos.

Felipe Novais, gerente Comercial do Bonaparte Bluepoint Hotéis, afirmou que também acomodou parte dos despejados do Nacional. “Foram pedidos 40 quartos, mas só acomodamos 15”, destacou. Vários dos hóspedes encaminhados ao Bonaparte não quiseram arcar com a diferença de preços. A diária do Nacional é de R\$ 90. “No nosso hotel, a tarifa promocional de final de semana é de R\$ 145. Nos dias de semana, de R\$ 267”, destacou. Felipe afirmou que conseguiu acomodar os hóspedes do Nacional ontem porque havia apartamentos ociosos. A partir de domingo à tarde, no entanto, o Bonaparte estará com todos os 110 quartos lotados, por causa de um Congresso de Oftalmologia que se estenderá por toda a semana. (VN e PR)



HÓSPEDES TIVERAM DE SER REMANEJADOS PARA OUTROS HOTÉIS COM DIÁRIAS MAIS CARAS

MEMÓRIA

GLAMOUR ESQUECIDO NA HISTÓRIA

Inaugurado no dia em que Brasília comemorou seu primeiro ano, em 1961, o Hotel Nacional viveu o apogeu nas primeiras décadas da capital federal. A construção era vista pelo governo como necessária para abrigar autoridades nacionais e estrangeiras que viessem conhecer a cidade considerada símbolo de modernidade. Na época, Brasília contava apenas com o Brasília Palace Hotel, projetado por Oscar Niemeyer. Mas a capital precisava de um cinco estrelas, na opinião do então presidente Juscelino Kubitschek. E ele não poupou incentivos para atrair o investimento.

O fundador do Hotel Nacional, José Tjurs, pagou valores irrisórios pelo terreno de 73 mil m² e o financiamento de 500 mil contos para erguer o prédio teve autorização pessoal de JK. Para retribuir as facilidades e atender a necessidade de hospedagem da nova capital, o hotel foi inaugurado às pressas em 21 de abril de 1961. Apenas três dos 10 andares estavam concluídos.

Desde então hospedou políticos, artistas e famosos que passaram por Brasília. O Hotel Nacional era o centro nervoso de Brasília, numa época em que a cidade mal existia. A rainha Elizabeth II foi um dos ilustres que passaram pela suíte presidencial. Em sua visita feita ao Brasil, em 1968, a monarca britânica e o marido, o príncipe Philip, foram hóspedes. Na lista, há ainda o presidente americano Jimmy Carter, em 1978, alojado em uma suíte totalmente reformada, com tapetes e pintura novos. Na época, a comitiva americana pagou 7 mil cruzeiros pelo apartamento. Hoje, segundo o site do próprio hotel, a diária na suíte de 260 m² custa R\$ 2.490.

O rei Juan Carlos da Espanha e a atriz francesa Catherine Deneuve também hospedaram-se nela. Segundo comentários da época, a piscina do hotel teria sido palco até mesmo de um strip-tease da lendária atriz brasileira Leila Diniz, no final da década de 60, em uma das edições do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, cuja história se confunde com a do próprio hotel. O título de mais luxuoso da cidade começou a ser corroído com a derrocada do grupo proprietário, no início da década de 90. A recessão econômica aliada a uma má administração levaram o grupo Horsa à falência. Em 1993 mais de 90 funcionários do Hotel Nacional foram demitidos e os dois primeiros andares do prédio fechados para conter gastos. O quadro de trabalhadores, que chegou a ter 400 pessoas, foi reduzido à metade. O mais tradicional hotel de Brasília chegou às mãos do grupo Canhedo, proprietário da Vasp, e em 1999 foi incorporado ao patrimônio da companhia aérea.

DEPOIMENTOS

SIMONE CASAGRANDE, ADVOGADA

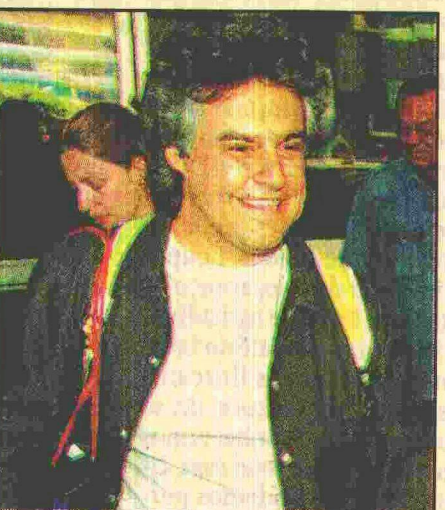


“Me sinto totalmente lesada. Não estava preparada para ser despejada dessa maneira. Não sei nem para onde ir. O pior é que não nos deixaram tomar café da manhã, mas não deduziram isso da nossa conta. Nunca ouvi falar de um hotel de renome como esse que tomasse uma atitude dessas.”

SÉRGIO ALEXANDRE DE ARAÚJO, APOSENTADO

“O que eu vi hoje no Hotel Nacional é resultado do processo de anarquia no qual vive o Brasil. Não é possível que uma pessoa com o histórico de Wagner Canhedo continue causando tantos transtornos às pessoas. Hospedei 16 convidados para o casamento do meu filho, que, da noite para o dia, ficaram na rua.”

SÍLVIO BARBATO, MAESTRO



“Sempre que venho a Brasília, faço questão de me hospedar no Hotel Nacional. Tenho uma ligação grande com o estabelecimento. No momento em que fui comunicado que deveria deixar o quarto por determinação da Justiça, fiquei surpreso. Sai, mas deixei meu coração lá.”

AMÉLIA SHU, FUNCIONÁRIA DO GOVERNO CHINÊS

“Estou atordoadada. Fui acordada quase de madrugada. Eles me avisaram, por meio de um comunicado jogado debaixo da porta, que eu tinha que deixar o quarto. Como estava escrito em português, fiquei sem entender direito o que estava acontecendo. Foi uma situação muito difícil.”

TEREZAMARIA LUCCIOLA, CONTADORA DE HISTÓRIAS

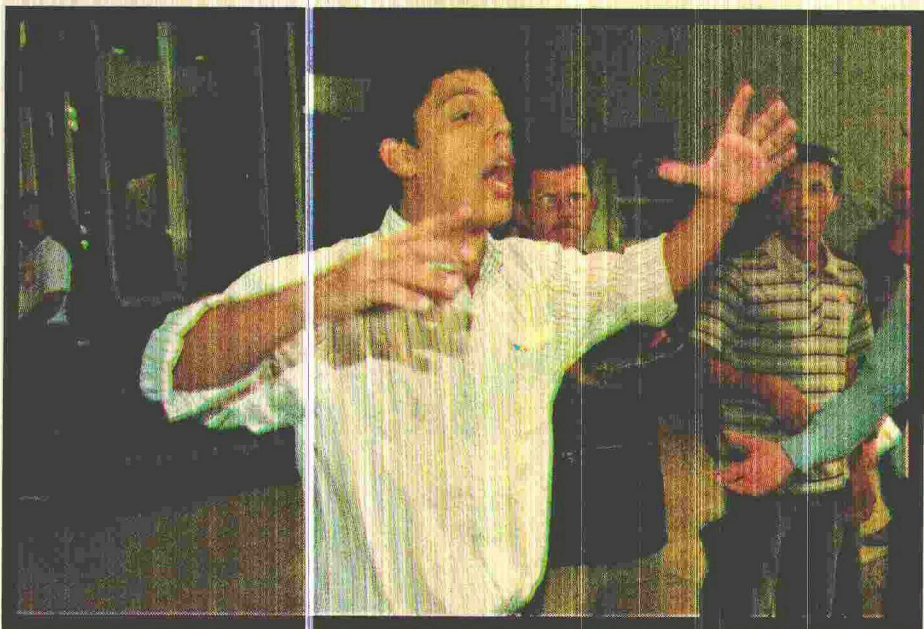


“É um absurdo o que está acontecendo com o Hotel Nacional. Ele faz parte da história de Brasília e temos de preservar a nossa memória. Estou reformando minha casa e decidi me hospedar no hotel onde meus dois filhos cresceram e costumavam brincar na piscina nos finais de semana.”

SAÍDA FORÇADA IRRITA

A indignação dos hóspedes com o despejo inesperado do Hotel Nacional por pouco não se transformou em uma cena muito comum de rebeliões em penitenciárias. Algumas pessoas com os ânimos mais acirrados ameaçaram queimar colchões como forma de protesto. Gritos e discussões tomaram conta de muitos corredores e chegaram a acordar parte dos clientes do hotel. Um grupo de 180 militantes e simpatizantes do Partido Socialista Brasileiro (PSB) lotou o lobby do edifício e foi responsável pelos maiores questionamentos. Eles vieram para Brasília para participar da festa de 60 anos do PSB, que ocorreu ontem, e não esconderam a irritação com o que taxaram de humilhação.

“É um desrespeito com os hóspedes. Estamos sendo tratados de forma esdrúxula. Literalmente jogados para fora, nos deixando na rua”, discursou o secretário do partido em São Paulo, Fabrício Lopes, 25 anos. Em Brasília desde quarta-feira, ele não tinha data certa para retornar para casa e classificou a expulsão do hotel como constrangedora. “O pior de tudo é acordar de manhã e dar de cara com um policial militar ao abrir a porta do quarto”, ressaltou. Morador do hotel há cinco anos, o ex-de-



FABRÍCIO LOPES PROTESTOU DO LADO DE FORA: “ISSO É UM DESRESPEITO COM OS HÓSPEDES”

putado Gonzaga Motta (PSB-CE) também se mostrou contrariado. “Deixei quase todas as minhas roupas e livros no hotel”, afirmou. Ele ressaltou, no entanto, respeitar a decisão da Justiça de dar a posse do Hotel Nacional à Securinvest, empresa do Banco Rural, que cobra do empresário Wagner Canhedo dívidas de quase R\$ 50 milhões. “Ordem judicial é para ser cumprida”, disse, sem saber que, horas depois, a mesma Justiça mudaria de lado e entregaria o comando do Nacional novamente a Canhedo.

Mesmo pessoas que não estavam hospedadas no hotel se sentiram agredidas com a forma como foi feito o despejo dos hóspedes. Responsável pela produção da Ópera Carmen, de Georges Bizet, encena-

da ontem no gramado da Torre de TV, a secretária de Cultura Luíza Dornas correu para a portaria do edifício com a missão de garantir que os artistas pudessem repousar apropriadamente antes do evento. “Eles fizeram o ensaio geral na sexta, que terminou por volta das 2h da manhã. Deviam descansar em vez de enfrentar uma dor de cabeça dessas”, disse. Transtorno semelhante teve a produção do Festival Cema Contemporânea para reacomodar mais de 100 convidados.

Os hóspedes que ainda ficaram hospedados mais um tempo foram transferidos para outros três hotéis. Mas quem se sentiu lesado pode recorrer aos órgãos de defesa do consumidor. (PR e VN)